

Luas medonhas.

Dona Sol, que amava mais o irmão do que o marido, nem queria ouvir as vozes que se levantavam. Deveria dormir, a população, devia descansar, a criadagem. Tudo o que era pertença do Senhor, almas cristãs e animais diurnos, se retirava ao retirar-se a claridade. Tudo tratava de fechar os olhos, deixar caminho às criações da noite, que iam bater nas tábuas dos portais com a ondulação de um mar de breu.

Mas, na exceção daquele entardecer, em que enormes luzeiros esvoaçavam sobre os montes impuros do sudoeste, um terror, uma espécie de alegria que levava a uivar e a erguer as saias, mudava a discrição dos habitantes.

Bem tentaram dizer os mais prudentes que era festa dos mouros, os vencidos, os expulsos do burgo, os que veriam cair de podres suas próprias mãos nos trabalhos

de enxada contra a neve. Uma festa de mouros acordaria nos aldeões de Deus um coração saudoso de assassínios colectivos. O tinido das armas nos celeiros, mais que o dos sinos, encheria os ares. Os homens soltariam das gargantas roncões de alívio, mais voluptuosos do que os roncões de amor, ao exhibi-las, limpas, e amolgadas de outras guerras. E atirar-se-iam para a encosta, antecipadamente perdoados, sob a salivação dos frades bentos que tropeçavam para os acompanhar.

As luas elevavam-se no céu, vermelhas, primeiro duas, depois quatro, semelhantes a olhos de alcateia. É certo que a mourama o venerava, esse crescente que trazia nas bandeiras, cornos de besta, língua de serpente. Mas não tinha maneira de pregar tantos astros no céu e, em consciência, ninguém os acusava de tal feito. Assim, a energia da matança circulava entre as casas, sem objecto. O medo de que o mundo se acabasse, de que as campas se abrissem revelando as últimas misérias, podridões esperanças em Deus que as limparia, tomava os corpos como um vinho novo.

Dona Sol levantou um pouco a saia, mas a luz que caía do tocheiro não tinha força para a esclarecer. Curvou-se até poder tocar os pés que, apesar do inverno, estavam nus. Afagou os dez dedos, um a um, como se já tivesse envelhecido e o enregelamento lhe doesse. Suspirou, encostando-se à parede, cuja rugosidade, tão real, tão dura para a carne, a fez tremer.

Não era, pois, ainda, a sua mãe, a Dama Pé-de-Cabra, quem mandava, com essas luas, a informação de que Sol

também estava transformada em livre criatura dos infernos.

Evocava essa mãe, bela e cantante, que enfeitiçara D. Diogo Lopes e o levara a pedi-la em casamento, ao que ela logo ali tinha acedido, na condição de ele nunca se benzer.

Ela, esquecida de seus pés fendidos, ele, esquecido do sinal da Cruz, viveram anos de harmonia tão capaz que lhes nasceram filhos, como nascem aos matrimónios para que Deus olhou. Inigo e Sol, tais eram os seus nomes, não se ocultavam nas cozinhas do solar e mostravam o rosto aos visitantes. Tinham da mãe aquela espécie de fulgor que torna os ruivos alvo de fascínio e, ao mesmo tempo, de desconfiança. Das suas cores que, no entanto, pertenciam a um tipo humano que existia em toda a parte, é que emanava, numa refacção, o sinal de que havia dentro em casa uma falta, a desgraça de infiéis. Comentavam os que iam e os que vinham, sentados junto às fontes do caminho, benzendo-se, eles, e nunca suspeitando que D. Diogo Lopes se não benzia.

De certo modo, a história do desastre, quando correu, aliviou as almas, dando um sentido àquilo que os intrigava. Nos casebres, nos adros das ermidas, junto das vendedeiras de aguardente que chegavam bem perto da cidade, as vozes conquistavam os ouvidos da mais difícil das assembleias, relatando como a mulher do grande caçador se tinha transformado num demónio. Em hora

má havia o cavaleiro, enfurecido mais do que devia pela morte do cão seu favorito às fauces da cadela que era grande favorita da esposa, e até então vivera como bicho mole, em hora má, diziam, qualquer coisa de imprudente fizera que mudara tão gentil dama em negra, e cabeluda, e esticada figura que subia, e ia deitando as garras para os filhos.

Que fora aquilo? Contavam uns criados que o ouviram jurar, contavam outros que o viram persignar-se, um exagero frente a um caso entre animais sem culpa, ainda que tão potentes carnicheiros. Era como se a mão se desprendesse e se pusesse a desenhar a cruz num furor próprio e quase independente, aproveitando a distração do dono.

Uivou sua mulher o mais horrendo dos uivos que um cristão testemunhou. E, como se puxada para o alto, direcção que levou muitos ouvintes a encolherem ombros, duvidosos, pois se sabia que os demónios não se elevam, subiu a dama, agora enegrecida, abrindo-se o telhado ao seu tamanho. Mas ai: ou fosse o coração de mãe, que em plena treva anseia pelas crias, ou fosse ordem do amo Belzebu, que cobiçava os corpos inocentes para qualquer serviço inconfessável, lançou ela para os filhos suas mãos que nada tinham já de feminino, antes pareciam pinças de tarântula. O aterrado pai deitou-se ao filho com toda a robustez do seu abraço e assim o reteve contra o chão. Não irei eu, discreta narradora, comentar esta escolha do fidalgo, feita em arrancos de aflicção tamanha. Talvez se achasse próximo de Inigo e, caçador

experiente com era, medisse as boas probabilidades. Os relatores do caso não descrevem convenientemente a posição das quatro personagens envolvidas. Do mais fiável, que a passou à escrita, temos informação de que já estava Dona Sol afastada do soalho quando Diogo Lopes reagiu e impediu o rapto do filho. Porém, quem sabe se escolhendo perder um, sendo ágil a escolher nas montarias, não lhe pesou na decisão a diferença entre manter na casa o seu varão e o somenos proveito da donzela. O facto é que ficou Inigo Guerra e vemos como ascende Dona Sol, tão estupefacta, tão paralisada que a saia lhe rodava, feita pêndulo, como à gente acabada de enforcar. Nada dizia, nem um choro ouviram. O seu cabelo de criança, solto, brilhava rubramente contra a mãe. E o seu olhar caía, desolado, no olhar desolado do irmão.

De Inigo Guerra muita história é conhecida. Tudo se disse sobre a ferozia que toda a vida o empurrou para as matas, rosnando mais que os próprios bichos rosnadores. Achava, no cravar da sua faca, no despejar do sangue dos pescoços, fosse de gamos ou de caçadores furtivos, outro prazer que não achou seu pai. Porque seu pai amava a Dama Pé-de-Cabra, e todos sabem que não há disputa maior do que a do leito com a montada. Mas a Inigo, em sua inteira vida, jamais o viram a amar mulher.

Era homem soturno e mesmo aquela claridade de ruivo no seu corpo dissuadia as aproximações como se de